

PRÁTICAS CORPORAIS EM OLIVEIRA, MINAS GERAIS, 1916-1920

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral¹

Resumo: Este artigo descreve e interpreta a história das práticas corporais em Oliveira, Minas Gerais, entre os anos de 1916 e 1920, período que corresponde a um considerável processo de diversificação e difusão social das modalidades esportivas, em contexto marcado por experiências de sofisticação dos hábitos urbanos e valorização de uma educação para a saúde. Para isso, utilizou-se, especialmente, exemplares do jornal *Gazeta de Minas* que constituem ricos registros de diversos aspectos do cotidiano de Oliveira naquele período, incluindo iniciativas para a oferta pública, institucional e comercial de atividades esportivas.

Palavras chave: História; Práticas corporais; Oliveira; Minas Gerais.

Bodily practices in Oliveira, Minas Gerais, 1916-1920

Abstract: This paper describes and interprets the history of body practices in Oliveira, Minas Gerais, between 1916 and 1920, when there was a considerable process of sports diversification and social diffusion, in a setting highlighted by experiences of urban habits sophistication and valuation of education for health. To that end, issues of *Gazeta de Minas* newspaper were specially used. They are rich records of diverse aspects of Oliveira daily life in that period, including the governmental, institutional, and commercial offer of sport activities.

Keywords: History; Bodily practices; Oliveira; Minas Gerais.

Introdução

Os anos finais do século XIX e os do início do século XX formam o momento em que os lazeres tidos modernos se espalharam por, praticamente, todo território nacional. Na hinterlândia brasileira, historicamente marcada pelo estigma do atraso e do subdesenvolvimento, este período representa a consolidação de uma quase obsessão entre certos grupos por novidades lúdicas que pudessem comprovar, em alguma medida, a emergência de costumes entendidos como mais sofisticados e em conformidade com os principais centros do Brasil e da Europa. O teatro, o circo, o cinema, o piquenique, a retreta ou, ainda, o carnaval veneziano foram objetos de uma retórica, quase sempre das elites, que os percebia como prova inequívoca de progresso dos costumes. Tudo isso afetou vários divertimentos públicos e privados, mas parece ter sido especialmente verdadeiro para os esportes. Seus novos usos e concepções do corpo, sua codificação gestual peculiar e seus mecanismos de comercialização e sociabilidade pública foram alguns dos elementos que ajudaram a acentuar a percepção de que os esportes dramatizavam o advento de padrões de comportamentos sociais inovadores (DIAS et. al., 2019).

¹ Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em História pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Licenciado em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: dvoamaral@gmail.com.

Sobre essa temática, a historiografia mineira produziu, na última década, um volumoso *corpus* bibliográfico. Cidades interioranas como Barbacena, Divinópolis, Governador Valadares, Juiz de Fora, Lavras, Montes Claros, Nova Lima, São João del-Rei, Uberaba e Uberlândia receberam, sob diferentes ângulos, incursões que desvelaram várias nuances da gênese e do desenvolvimento histórico dos esportes (SILVA, 2018; AMARAL, 2017; SILVA, 2012; JUNIOR, 2011; SILVA, 2017; SILVA, 2013; KANITZ, 2017; ADÃO, CAMPOS, 2014; SILVA, LIMA, 2016). De outra parte, tais trabalhos são ainda pouco numerosos, visto a pujante diversidade de trilhas que cortam as 789 nucleações que compunham o território mineiro no início do século passado, das quais uma em cada quatro já podia contar, em 1920, com, pelo menos, um clube esportivo (AMARAL; COUTO, 2017).

Nessa direção, buscando ampliar a compreensão da trajetória histórica dos esportes pelo interior de Minas Gerais, o estudo que ora se apresenta tem como objetivo principal descrever e interpretar a história das práticas corporais em Oliveira, Minas Gerais, entre os anos de 1916 e 1920, período que corresponde a um considerável processo de diversificação e difusão social das modalidades esportivas, em um contexto marcado por experiências de sofisticação dos hábitos urbanos e valorização de uma educação para a saúde. Para isso, utilizou-se, especialmente, exemplares do jornal *Gazeta de Minas* que constituem ricos registros de diversos aspectos do cotidiano de Oliveira naquele período, incluindo iniciativas para a oferta pública, institucional e comercial de atividades esportivas. Seus exemplares, publicados sempre aos domingos, estão disponíveis no acervo digital do próprio editorial (<http://acervo.izap.com.br/>).

“É preciso um espírito forte, num corpo forte”

No dia 02 de abril de 1916, realizou-se, nas dependências do Cinema Oliveirense, uma reunião com o objetivo de fundar o primeiro clube futebolístico de Oliveira, evento prestigiado por “diversos sócios e convidados, havendo comparecido também a banda Santa Cecília que executou várias peças do seu vasto repertório”.² Nas duas semanas seguintes, a “esforçada e operosa diretoria” deu início aos trabalhos de “nivelamento, terraplanamento e recuperação das arquibancadas do Prado Coronel Xavier” que, no final do ano anterior, havia sofrido graves estragos em razão das fortes chuvas que ocorreram na cidade.³ O objetivo principal era transformar o espaço, antes dedicado ao turfe, em um lugar de referência para exercícios físicos, treinos e jogos amistosos. Uma sessão cinematográfica em benefício ao *Oliveira Sport Club* foi realizada no Cinema Oliveirense no dia 10 de maio, cuja arrecadação foi toda destinada ao clube para a conclusão das obras de adaptação do campo e recuperação das arquibancadas.⁴

Os primeiros exercícios e ensaios no campo do Prado Coronel Xavier tiveram início no último domingo do mês de maio e se estenderam por todos

2 Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 abr. 1916, p. 1.

3 Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 maio 1916, p. 1.

4 Benefício. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 14 maio 1916, p. 1.

os finais de semana do mês de junho.⁵ No mesmo período, a presidência do clube convocou novas reuniões de associados no Cinema Oliveirense, onde foram “discutidos e aprovados os estatutos” e “escolhidas as cores e símbolos do clube – um triângulo com um fundo azul”.⁶ Na esteira dessa trajetória de criação do clube, dos símbolos, dos estatutos e das obras para a revitalização do Prado Coronel Xavier, uma partida inaugural entre o “*team azul e o team vermelho*” foi promovida pelos sócios do *Oliveira Sport Club*. Na manhã de sábado do dia 8 de julho, um cronista narrou a “festa ‘inaugural’” que, ainda com o tempo chuvoso, o que arrefeceu a presença do público, contou com espetáculo musical, partida esportiva e passeata dos *sportmen* pelas ruas centrais de Oliveira:

A INAUGURAÇÃO

O dia esteve feio e choveu até às duas da tarde, depois ficou melhor e começou então a festa inaugural do Oliveira Sport Club.

Pouca concorrência devido ao tempo. A banda de música Santa Cecília executava várias peças. Os rapazes não desanimaram, na esperança de uma tarde melhor, e assim sucedeu.

Foi içado o pavilhão que é branco, com um triângulo vermelho no centro, ao som de um belo dobrado; depois começou o jogo no meio da maior animação.

Dado o *kick off* contra o *team vermelho* pelo coronel Américo Leite, seguiu-se o jogo comparado entre os dois *teams*, sendo nesta ocasião dado o sinal de descanso pelo Juiz.

Ao começar o 2º tempo, Raul marcou o primeiro e único *goal* contra o *team vermelho*. Depois Omar marcou um *goal* contra o *team branco*, continuando o jogo aferrado entre as duas equipes, até que Cícero marcou o 2º *goal* contra o *team branco*. Logo após, Toniquinho marcou o 3º *goal* contra o *team branco*, dando o juiz por terminado o jogo. Seguiu-se animada passeata pelas ruas da cidade.⁷

A fundação do *Oliveira Sport Club* e os esforços empreendidos para a edificação do seu estádio ocorreram em meio a um movimento de valorização dos “esportes ginásticos” que, gradativamente, ganhavam as praças públicas, as ruas, os clubes e os pátios escolares. Até o final do ano de 1915, a imprensa de Oliveira pouco havia se envolvido com a promoção dos esportes, limitando seu escopo de atuação na divulgação de algumas iniciativas de caçadores e na cobertura de iniciativas efêmeras de clubes e empreendimentos comerciais, a exemplo do “tiro ao alvo, esgrima e ginástica” prometidos pelo *Club Literário Recreativo de Oliveira*, em janeiro de 1906, ou as corridas de cavalo organizadas pelo *Jokey Club Oliveirense*, entre maio e junho de 1898, e depois com uma nova tentativa empresarial entre os meses finais de 1915 e primeiros meses de 1916.⁸

5 Cf.: Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 maio 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 jun. 1916, p. 1; *Gazeta Desportiva*. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 jun. 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 jun. 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 jun. 1916, p. 1.

6 Cf.: *Gazeta de Minas*, Oliveira, 4 jun. 1916, p. 1; Oliveira Sport Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 jun. 1916, p. 1.

7 A INAUGURAÇÃO. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1916, p. 1.

8 Cf.: Club L. R. de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 jan. 1906, p. 1; Corridas de cavalo. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 maio 1898, p. 1; Jockey Club. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 12

A mudança de postura das elites letradas em relação às práticas esportivas parece estar alinhada com a nova dinâmica econômica e demográfica experimentada pela sede do município naquela conjuntura. Com o surto agropecuário das áreas rurais, cujos motivos estavam relacionados, entre outras coisas, com a diversificação, mecanização e racionalização dos processos produtivos, a organização de cooperativas agropastoris e a crescente demanda de alimentos e gêneros para as indústrias dos dois maiores centros urbanos do país, nomeadamente Rio de Janeiro e São Paulo, Oliveira vivenciou, na década de 1910, um expressivo processo de crescimento da população e da mão de obra assalariada, ampliação e diversificação do comércio citadino, um aumento das receitas públicas e transformações modernizadoras na sede urbana da cidade. Ao lado disso, empreendimentos para a oferta de lazer e cultura, tanto por meios comerciais quanto por meios associativos, fizeram-se presentes de maneira mais intensa e duradoura, acompanhando os anseios quase obsessivos de setores das elites por práticas sociais valorizadas por uma economia simbólica de matriz europeia (AMARAL; DIAS, 2019).

No curso desse processo, o “corpo” assumirá certo protagonismo nas interações sociais, apresentando-se como instrumento privilegiado para a incorporação de modelos éticos e estéticos capazes de traduzir os novos tempos que ora se abriam. Com efeito, o pensamento médico-higienista, que nessa época se difundia pelo interior país, propagandeava o entendimento de que a solução para os problemas relativos às más condições de saúde e debilidade física e moral do povo brasileiro passava pela “aquisição de bons hábitos de higiene e práticas de exercícios ginásticos, tal qual faziam os povos civilizados europeus” (ADÃO; SILVA, 2014). Os emergentes “valores higiênicos”, que ganhavam voz entre a intelectualidade brasileira, passaram a incidir sobre um conjunto de ações assépticas no quadro urbano das cidades que implicaram, como bem observou o historiador Edivaldo Junior (2013, p. 109), na idealização de corpos saudáveis e bem treinados:

As relações entre esporte e saúde, e entre corpo saudável e atlético eram lentamente difundidas. [...] A cidade deveria ser higienizada com bulevares, praças, áreas verdes, prédios amplos e arejados, bem como seus habitantes com corpos limpos e saudáveis. Este era o projeto de modernidade das principais cidades brasileiras.

No município de Oliveira, as representações positivas acerca do esporte, nas quais o corpo deveria condizer com uma nova racionalidade higiênica, começaram a ganhar ressonâncias na imprensa no início da década de 1910, quando tornou-se mais comum a circulação de registros que advogavam em favor de “um espírito forte, num corpo forte”.⁹ Em março de 1912, um cronista da *Gazeta* veiculou uma longa matéria defendendo a adoção dos “exercícios ginásticos” como instrumento de “regeneração física”. Segundo constava na matéria, “os principais e, talvez, exclusivos exercícios físicos” praticados pelos oliveirenses se “resumiam em caminhar”. Embora representasse um “excelente exercício”, o cronista alertava que se tratava de uma atividade

jun. 1898, p. 1; Hipódromo Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 set. 1915, p. 1; Corridas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jul. 1916, p. 1.

⁹ Cultura física. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 abr. 1911, p. 1.

incompleta: “quando andamos, os músculos não são distendidos nem contraídos inteiramente; os pulmões não se dilatam suficientemente; a circulação é mediocrementemente ativada”. Era necessário, portanto, que novos modelos de exercícios, em especial os “esportes em voga na Europa”, delineassem uma nova “cultura física” para os moradores da sede da cidade:

As novas formas de exercício, científicas, aprazíveis e completas, darão um pulmão mais robusto, um coração mais resistente, um sistema digestivo mais poderoso, maior graça. Ter-se-á dado um passo importante para a perfeição da humanidade, e os flagelos das aflições cardíacas, da tísica, de muitas enfermidades constitucionais, desaparecerão quase das nações civilizadas, em virtude do exercício, aliado a uma alimentação sã e uma higiene bem entendida.¹⁰

Esse tipo de discurso, sintonizado com as ambições de grupos das elites de plasmar uma cidade que fosse moderna e habitada por corpos limpos, belos e saudáveis, cada vez mais ganharia visibilidade nas páginas da imprensa de Oliveira. Nos primeiros meses de 1916, sobretudo após a fundação do *Oliveira Sport Club*, teve curso na cidade uma verdadeira campanha publicitária em favor dos “esportes ginásticos”, cujas bases discursivas eram ancoradas nos supostos benefícios “físicos, higiênicos, estéticos, morais e intelectuais” que advinham da sua fruição. Segundo passou a ser reiteradamente veiculado, os “jogos ginásticos” seriam capazes de, por exemplo, favorecer a constituição de “uma raça viril, sadia, resistente e vigorosa”, de tornar “o mais covarde, o mais forte, o mais tímido, o mais audaz, o mais raquítico, o mais valente” ou, ainda, de criar “patriotas sempre prontos na defesa da pátria”.¹¹ Uma espécie de “culto” aos “*sports jeux*”, conforme escreveu um cronista anônimo,¹² oferecia um apelo irrecusável para atualizar práticas e valores que deveriam ser alicerçados nos pilares do progresso dos costumes e, por extensão, no ajuste dos corpos “aos novos requisitos do físico e da beleza” (FRANZINI, 2010, p. 51).

O novo espectro de ambição esportiva, ensejado por cronistas da imprensa, teve, no ambiente escolar, seu promotor privilegiado. O desenvolvimento do sistema educacional de Oliveira esteve diretamente atrelado ao crescimento produtivo e demográfico do município. Nos anos finais do século XIX, diante de um cenário de crise no setor agropecuário, de ondas de falência e de comprometimento das receitas públicas (AMARAL; DIAS, 2019), diversos estabelecimentos de ensino público e privado, fundados após a inauguração dos ramais ferroviários, tiveram suas portas fechadas, entre eles, os colégios de ensino primário e secundário Nossa Senhora da Piedade (1889), Imaculada Conceição (1890), Oliveirense (1896) e o Liceu Municipal (1899).¹³

10 Os exercícios físicos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 mar. 1912, p. 1.

11 Cf.: FOOTBALL. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 fev. 1917, p. 1; DESPORTO. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 abr. 1916, p. 1.

12 DESPORTO. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 abr. 1916, p. 1.

13 Cf.: Colégio de N. S. da Piedade. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 1 set. 1889, p. 2; Colégio da Imaculada Conceição. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 22 fev. 1890, p. 3; Colégio Oliveirense. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 2 fev. 1896, p. 1; A instrução em Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 mar. 1899, p. 1.

A partir de meados da década de 1900, com a progressiva ampliação produtiva do setor rural, o conseqüente crescimento das finanças municipais e o crescimento demográfico e da mão de obra assalariada de todo o município (AMARAL; DIAS, 2019), novos investimentos foram realizados em estabelecimentos educacionais, com vistas a atender as novas demandas que se apresentavam. Em 1905, o Colégio Nossa Senhora da Oliveira, fundado em 1896, foi elevado à condição de Escola Normal.¹⁴ Em 1907, o colégio público de instrução primária e secundária Francisco Fernandes passou a funcionar, inicialmente, em instalações provisórias e, em 1909, na sede própria.¹⁵ Também em 1909, foi inaugurado o Instituto de Instrução Primária, Ginásial e Comercial Carvalho Brito.¹⁶ Já na década de 1910, especialmente entre os anos de 1914 e 1917, uma profusão de instituições de ensino técnico e ginásial, quais sejam a Escola Acadêmica (1914), o Colégio Suíço Brasileiro (1916), o Instituto Moderno (1916) e o Ginásio Oliveirense (1917), instalaram-se na sede urbana com a oferta de matrículas para os cursos de Agricultura, Farmácia, Odontologia, Comércio e Administração.¹⁷

Não é possível saber com exatidão quando os “esportes ginásticos” entraram no cronograma curricular das escolas públicas e privadas de Oliveira. Conjectura-se, porém, tendo por base estatutos, registros de currículos escolares e resultados de exames finais com os nomes das disciplinas ofertadas, que foi nos anos finais da década de 1900 que a ginástica e os jogos esportivos ensaiaram sua entrada nos currículos obrigatórios. Em 1905, o jornal *Gazeta de Minas* publicou uma circular dirigida aos inspetores escolares, recomendando que as escolas públicas primárias do município instituíssem “um intervalo de 20 minutos, a partir do meio dia, durante o qual possam os alunos repousar o espírito, fazendo exercícios físicos, entregando-se a jogos infantis compatíveis com as comodidades da casa onde funcionam as escolas”.¹⁸ Na mesma edição, em resposta à publicação da circular, um cronista anônimo, ainda que reconhecendo se tratar de uma “ideia que não é má e que se aproxima da realidade”, argumentou que os colégios instalados em Oliveira ainda não haviam introduzido os “exercícios da ginástica” por haver, de um lado, um “desconhecimento” dos professores sobre os “métodos de exercícios físicos” e, de outro, uma “oposição dos pais a estes exercícios, exigindo dos professores que os obriguem a olhar só para os livros durante as longas horas diárias da escola”.¹⁹ Em 1907, isto é, dois anos após as recomendações das atividades físicas no intervalo, a situação pouco havia se alterado. Em outubro deste ano, um cronista chegou a sugerir que os “recreios” fossem “banidos” das escolas de Oliveira, alegando que o tempo de intervalo que deveria ser usado para “empregar-se, alternadamente, em exercícios militares, em exercícios físicos e

14 Cf.: Colégio N. S. de Oliveira. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 15 mar. 1896, p. 1; Colégio N. S. de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 jul. 1905, p. 1.

15 Cf.: Prédio para o grupo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 maio 1907, p. 1; Grupo Escolar Francisco Fernandes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 7 mar. 1909, p. 1.

16 Instituto Carvalho Brito. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 jan. 1909, p. 1.

17 Cf.: Escola Acadêmica. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 fev. 1914, p. 1; Colégio Suíço Brasileiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 5 nov. 1916, p. 1; Instituto Moderno. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 dez. 1916, p. 1; Ginásio de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 fev. 1917, p. 1.

18 Instrução primária. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 mar. 1905, p. 1.

19 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 mar. 1905, p. 1.

ginástica” estava sendo usado para “brincadeiras estúpidas que, de ordinário, darão maus resultados para as crianças e desgosto para os professores”.²⁰

Foi nos primeiros meses de 1909, mais precisamente após a inauguração do Instituto de Instrução Primária, Ginásial e Comercial Carvalho Brito, que a imprensa de Oliveira publicou os primeiros registros de atividades físicas nos currículos escolares. Até este momento, as propagandas e as coberturas jornalísticas das provas e exames finais das instituições de ensino davam ênfase à educação moral, intelectual, cívica e doméstica compenetrada de um conjunto de disciplinas obrigatórias, que poderia incluir Línguas Estrangeiras, Português, Álgebra, Aritmética, Lógica, Trigonometria, Física, Química, História Natural, História Universal, História do Brasil, Geografia, Astronomia, Mecânica, Música, Desenho e Costura.²¹

Nos estatutos do Instituto Carvalho Brito, dizia-se que o novo colégio tinha por objetivo promover uma educação “orientada por processos modernos que não cansam o aluno nem fazem dele um autômato”.²² Essa orientação pedagógica parece ser uma tentativa de aproximação das reformas educacionais, capitaneadas pelo Secretário do Interior, Carvalho Brito, em 1906, que possibilitou modificações na formação de professores e o surgimento de práticas educativas inéditas. Segundo Marilita Rodrigues (2006, p. 209), no contexto dessas transformações, “a escola passou a ser vista como o lugar específico para uma educação que visasse ao desenvolvimento popular sob tríplice aspecto: físico, moral e intelectual”. No caso do Instituto Carvalho Brito, eram exatamente esses três aspectos que, segundo constava nos seus estatutos, norteavam suas referências pedagógicas: “A educação moral forma o coração, a intelectual cultiva o espírito e a física faz o homem robusto”.²³

O aspecto físico foi trabalhado, pioneiramente, por duas disciplinas obrigatórias, sendo elas “exercícios militares e de ginástica”.²⁴ Ainda que se tratasse de uma iniciativa, até então isolada, sua aplicação parece ter sido fundamental para auxiliar na superação da “oposição dos pais” em relação aos exercícios ginásticos no ambiente escolar, ao mesmo tempo em que era possível compartilhar novas experiências pedagógicas com as demais instituições educacionais do município.

Em março de 1914, a direção do Liceu São Luiz, em nota publicada na imprensa, defendeu o “aspecto físico” do que chamou de “educação moderna que contrapõe-se à educação antiga”, argumentando que, quando oferecido em “proporções equilibradas” com os aspectos “moral e intelectual”, promoveria no aluno alguns atributos como “força”, “iniciativa” e “caráter individual”.²⁵ Cerca de dois anos após essa defesa, é possível encontrar registros históricos de uma professora de *gymnastica* nos quadros acadêmicos da Escola Normal Nossa Senhora da Oliveira e uma disciplina de *hygiene* nas

20 Semana a Semana. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 out. 1907, p. 1.

21 Cf., por exemplo: Colégio Sagrado Coração de Jesus. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 nov. 1907, p. 4; Exames da Escola Normal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 dez. 1907, p. 2; Colégio de Nossa Senhora de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 jan. 1909, p. 1.

22 Instituto Carvalho Brito. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 mar. 1909, p. 1.

23 Instituto Carvalho Brito. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 31 jan. 1909, p. 3.

24 Instituto Carvalho Brito. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 jan. 1909, p. 5.

25 Cf.: Colégio S. Luiz. *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 10 fev. 1889, p. 4; A educação moderna. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 mar. 1914, p. 1.

atividades finais da Escola Estadual Coronel Xavier, localizada no “vasto povoado dos Martins”.²⁶

Em 1916, ano de fundação do *Oliveira Sport Club*, já havia toda uma base favorável para que não apenas a ginástica e outros tipos de exercícios físicos fossem oferecidos no interior das instituições de ensino de Oliveira, como também que novas modalidades e espaços físicos, até então inexistentes na cultura esportiva do município, fossem organizados por estudantes e educadores. Em setembro deste ano, a imprensa de Oliveira noticiou o surgimento de dois clubes esportivos, ambos organizados por professoras e alunas da Escola Normal Nossa Senhora da Oliveira, sendo eles o *Gracia y Fuerza* e o *Éden Club Sportivo*. Por intermédio dos dois clubes, foram construídos um *ground* de tênis e de basquetebol na “chácara do Colégio”, além de um *ground* de basquetebol na Praça D. Manuelita Chagas.²⁷ As iniciativas escolares logo receberam elogios nas páginas do jornal *Gazeta de Minas* por suas conexões com a saúde, a higiene e a educação dos corpos. Conforme escreveu um cronista anônimo, os novos clubes esportivos atuariam favoravelmente para o “desenvolvimento físico”, além de “emular a alegria comunicativa e a educação de sentimentos como o da liberdade” das “gentis compatriças” matriculadas no curso normal.²⁸

No final de outubro de 1916, foi noticiado que partidas de basquetebol franqueadas ao público estavam acontecendo todas as tardes no *ground* da Praça D. Manuelita Chagas:

São deliciosas as partidas de basquetebol realizadas todas as tardes no *ground* da Praça D. Manuelita Chagas, pelas nossas gentilíssimas moças que se batem com um denodo extraordinário, divididas em dois partidos – Vermelho e Azul [...].
A que cabe a vitória?
Terrível dilema este!
Se todas se esforçam tanto!
Deixemos passar mais alguns dias; depois seremos severamente justiceiros, vergando-se vencedoras e vencidas ao veredito dos juízes imparciais.²⁹

Nas festas escolares e na participação das escolas em festas cívicas, e outros tipos de festividades que faziam parte do calendário lúdico municipal, os jogos esportivos também passaram a fazer parte do repertório de atrações. Até o ano de 1915, exames finais, entrega de diplomas e eventos diversos organizados na sede do município, a exemplo da Festa das Aves, Festa da Bandeira, Festa do Sete de Setembro ou, ainda, nas tradicionais comemorações da emancipação política de Oliveira, a participação da comunidade escolar podia ser vista, por exemplo, em desfiles pelas ruas da cidade, hasteamento da bandeira nacional, sessões cívicas, apresentação de bandas de música, recitas dramáticas, bailes ou, ainda, na exposição de

26 Cf.: Club Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 set. 1916, p. 1; Escola Coronel Xavier. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 jan. 1916, p. 1.

27 Cf.: Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 set. 1916, p. 1; Éden Clube Sportivo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 out. 1916, p. 1; Club Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 nov. 1916, p. 1.

28 Cf.: Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 out. 1916, p. 1.

29 Éden Clube Sportivo. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 out. 1916, p. 1.

objetos diversos nas instalações educativas.³⁰ Já em 1916, é possível encontrar, na imprensa, as primeiras referências de jogos esportivos no rol dos eventos festivos que contavam com a participação das escolas de Oliveira. As comemorações do sete de setembro, por exemplo, “grandiosa data da independência”, contou com uma passeata dos alunos do Grupo Escolar Francisco Fernandes, em marcha batida pelas ruas centrais, retreta da Banda Santa Cecília na Praça da Matriz e uma “partida de basquetebol das alunas da escola Normal” no *ground* da Praça D. Manuelita.³¹ Já no dia 19 de novembro, por ocasião das comemorações do dia bandeira, os “elegantísimos” clubes *Gracia y Fuerza* e *Éden Club Sportivo* promoveram um festival esportivo no *ground* da chácara do Colégio Nossa Senhora de Oliveira, onde partidas de tênis e de basquetebol foram disputadas com “muita animação e grande entusiasmo da assistência”.³²

No ano seguinte, isto é, em 1917, os jogos esportivos e os exercícios ginásticos promovidos pelas instituições de ensino da sede municipal ganharam o reforço do Tiro de Guerra 327. As primeiras movimentações para se instalar uma associação militar em Oliveira remontam ao início da década de 1910. Em janeiro de 1911, uma reunião no edifício da Câmara Municipal foi noticiada pela *Gazeta*. Nesta ocasião, um pequeno grupo de sócios se ajuntou para tratar das bases de fundação de um clube militar, o que foi chamado, por um cronista anônimo, de “um melhoramento de interesse magno”. Mesmo com o cadastramento de cinquenta associados na reunião inaugural, a baixa adesão dos sócios nos encontros que sucederam à primeira iniciativa de criação de uma Linha de Tiro fez com que o clube militar tivesse uma existência efêmera.³³

No mês final de 1916, uma nova tentativa de criação de uma Linha de Tiro teve andamento na sede de Oliveira. Desta vez, dois movimentos principais deixaram o ambiente citadino mais favorável para que esse tipo de ação lograsse êxito. Primeiro, a consolidação dos discursos que associavam as modalidades atléticas e os exercícios ginásticos e militares à ideia de saúde, civismo e modernização dos hábitos. Segundo, “a execução da lei do sorteio militar”, que permitia aos jovens integrantes dessas sociedades, filiadas à Confederação do Tiro Brasileiro, reduzir pela metade o tempo prestado ao serviço militar obrigatório.³⁴ No dia 10 de dezembro, “depois de várias reuniões

30 Cf., por exemplo: Colégio Nossa Senhora de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 dez. 1907, p. 1; Grupo escolar Francisco Fernandes. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 nov. 1909, p. 1; Instituto Carvalho Brito. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 nov. 1909, p. 1; Sete de setembro. Colégio Nossa. S. de Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 set. 1910, p. 1; Festival. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 nov. 1910, p. 1; Teatro Municipal. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 dez. 1912, p. 1; 7 de setembro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 set. 1914, p. 1; 7 de setembro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 set. 1915, p. 1; Festa das aves. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 set. 1915, p. 1.

31 7 de setembro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 set. 1916, p. 1.

32 Club Gracia y Fuerza. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 19 nov. 1916, p. 1.

33 Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 jan. 1911, p. 1.

34 De acordo com Selma Gonzales (2008), que pesquisou sobre o assunto, a filiação das sociedades de tiro espraiadas pelo território nacional a Confederação do Tiro Brasileiro, fundada em 1906, permitia aos seus integrantes, entre outras coisas, a prestação de metade do tempo do serviço militar obrigatório mediante sorteio. Entre 1913 e 1915, as sociedades de tiro sofreram um arrefecimento em razão do não cumprimento da Lei do Sorteio, instituída em 1908. Como, na prática, o sorteio não ocorria, tornou-se desnecessário ser integrante das

preparatórias”, a Linha de Tiro de Oliveira foi oficialmente instalada, fomentando publicações nas páginas dos jornais locais enaltecendo a capacidade das associações militares de promover, “nos mancebos com idade de alistamento”, atributos como “coragem, resistência e bravura”. Conforme escreveu um cronista anônimo: “São incontestáveis as vantagens da Linha de Tiro para a nossa mocidade que não pode mais continuar a viver nessa apatia, com geral e fundo sentimento dos que desejam ver gerações de fortes. O município de Oliveira tem tudo a lucrar com a criação da linha de tiro”.³⁵

As atividades do clube militar tiveram começo em abril de 1917, quando um ofício endereçado ao presidente da associação confirmava sua incorporação à Confederação do Tiro Brasileiro, ficando registrada com o nome de Tiro de Guerra 327.³⁶ Inicialmente, o Tiro se limitou em promover pequenas marchas pelas ruas centrais da cidade, ora ao som de clarim, ora ao som de bandas de música, nos feriados e dias festivos.³⁷ A partir do início de dezembro, com a chegada à Oliveira do Sargento Instrutor Sr. Luiz Gonzaga Veras, nomeado pelo Ministério da Guerra, os trabalhos foram diversificados com a inclusão de *raids* pedestres, desportos e exercícios militares.³⁸ Já no dia 25 de dezembro, o Tiro de Guerra 327 participou do “*raid* pedestre Sul e Norte-Americano” organizado pelo 51º Batalhão de Caçadores de São João del-Rei, percorrendo, entre as cidades de São João del-Rei e Oliveira, 155 km pelo leito da Estrada de Ferro Oeste de Minas.³⁹ No ano seguinte, outros três *raids* pedestres foram organizados pelo Sargento Instrutor do Tiro de Guerra 327, o Sr. Luiz Gonzaga Veras: o primeiro, no dia 10 de agosto entre as cidades de Oliveira e Bom Sucesso, num percurso de 57 km; o segundo, no dia 25 de agosto entre a cidade de Oliveira e o distrito de Carmo da Mata, num percurso de 26 km; e o terceiro, no dia 16 de setembro entre a cidade de Oliveira e o distrito de São Francisco de Paula, num percurso de “três léguas e tanto”.⁴⁰

Nas festas cívicas, feriados e festividades escolares, o Tiro de Guerra 327 passou a ter presença cativa ao lado das instituições de ensino, organizando paradas, marchas, passeatas, hinos, cantos patrióticos, exercícios e desportos militares. No dia 21 de abril de 1918, por exemplo, nas festividades do dia de Tiradentes, “passeatas”, “exercícios” e “cantos” tiveram como promotores a “Linha de Tiro de Oliveira e os alunos do Colégio Suíço Brasileiro, a que foram assistidos por uma multidão que saudou a grande data”.⁴¹ No dia 2 de junho, nas comemorações de oferecimento do pavilhão nacional ao Tiro de Guerra 327, pelo “belo sexo oliveirense”, uma grande passeata foi realizada com participação dos sócios do clube militar de Oliveira, de representantes das Linhas de Tiro de Bom Sucesso e Itapecerica, além de alunos dos colégios Suíço Brasileiro, Francisco Fernandes e Ginásio

sociedades. Já a partir de 1916, com a efetivação da Lei do Sorteio, houve uma espécie de “surto” de novas sociedades que saltaram de 112 em 1915, para 430 em 1917.

35 Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 dez. 1916, p. 1.

36 Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 abr. 1917, p. 1.

37 Cf., por exemplo: Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 nov. 1917, p. 1.

38 Linha de Tiro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 dez. 1917, p. 1.

39 Raid S. João – Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 23 dez. 1917, p. 1.

40 Cf.: Raid. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 18 ago. 1918, p. 1; Os desportos do Tiro 327. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 set. 1918, p. 1; Raid do Tiro 327. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 set. 1918, p. 1.

41 21 de abril. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 abr. 1918, p. 1.

Oliveirense. O “numeroso préstito”, segundo foi noticiado, seguiu pela Rua Direita rumo ao Fórum, onde os sócios do Tiro de Oliveira prestaram um juramento à bandeira, seguindo-se depois “diversos números de desporto militar, como corridas a pé, salto em altura e em distância, corrida de obstáculos etc., mostrando-se moços garbosos, ágeis e bem adestrados.”⁴² Por fim, nas comemorações do 7 de setembro, as festividades foram divididas entre o Colégio Francisco Fernandes, que organizou a Festa das Árvores e o hino nacional cantado pelos alunos, e o Colégio Nossa Senhora de Oliveira, que organizou uma noite de discursos e manifestações de homenagem à “gloriosa data”, além do Tiro de Guerra 327 que, com o auxílio do Colégio Suíço Brasileiro, organizou uma parada militar que foi acompanhada de “desportos militares”.⁴³

Integrando-se aos novos códigos higiênicos difundidos por colégios públicos e privados, por clubes esportivos e militares, autoridades políticas e grupos das elites, seja de forma coletiva ou individual, não se furtaram da responsabilidade de endereçar, na sede citadina do município, espaços públicos ou estabelecimentos de comércio voltados para a prática dos exercícios ginásticos e desportos de toda a sorte. Em meados de fevereiro de 1917, um grupo de vereadores liderados pelo presidente da Câmara Municipal, Coronel Manuel Antônio Xavier, levantou a ideia de construir um jardim público na Praça da Matriz.⁴⁴ Uma “comissão construtora”, segundo chamou a imprensa, foi constituída para angariar fundos e acompanhar as obras de instalação do gradeamento, do portão, dos canteiros, do coreto e do adro em frente à Matriz para os serviços religiosos externos, além de “um grande rinquê de patinação de 40 metros de comprimento e 20 de largura”, mandado trazer da capital Belo Horizonte.⁴⁵

Não demorou para que o jardim da Praça da Matriz se transformasse no principal espaço público de lazer da cidade, além de ponto privilegiado para algumas diversões, entendidas por grupos letrados como sofisticadas e de bom gosto. Já no início de abril, quando o jornal *Gazeta de Minas* noticiou que estava “terminado as obras de instalação do rinquê”, os primeiros ensaios com os patins atraíram a atenção dos cronistas da imprensa local: “Quanta alegria e encanto, à tardinha, no jardim público? Flores entre flores, as belas senhoritas oliveirenses, atraindo olhares doces de quantos observam seus trejeitos graciosos de tímidas patinadoras, no rinquê que se construiu”.⁴⁶ No final de outubro, o rinquê precisou ser fechado pela comissão construtora para algumas obras e ajustes finais,⁴⁷ sendo reaberto no primeiro mês do ano seguinte, data que marcou a inauguração oficial do jardim público de Oliveira.

42 Cf.: A entrega da bandeira ao Tiro de Guerra 327. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 jun. 1918, p. 3;

A entrega da bandeira ao Tiro de Guerra 327. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 9 jun. 1918, p. 1.

43 7 de setembro. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 set. 1918, p. 1.

44 O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 fev. 1917, p. 1.

45 Cf.: O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 fev. 1917, p.1; Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 fev. 1917, p.1; O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 mar. 1917, p.1; O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 abr. 1917, p.1.

46 Cf.: O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 abr. 1917, p. 1; O Jardim. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 15 abr. 1917, p. 1; SPORTS. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 22 abr. 1917, p. 1.

47 O Jardim Público. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 28 out. 1917, p. 1.

Os “gloriosos dias do rinque, com a concorrência de patinadores e patinadoras”, tiveram seu “entusiasmo arrefecido” nos primeiros meses de 1918, quando a imprensa passou a noticiar que a “amabilidade inebriante” do novo esporte havia se transformado na tristeza de uma “velha casa em ruínas”.⁴⁸ Essa situação se agravou na semana final de outubro, por motivo da “entrada alarmante” da Gripe Espanhola na sede urbana do município.⁴⁹ No dia 10 de novembro, a cidade de Oliveira já contava com 167 doentes notificados, número que saltou para quase 500 nas duas semanas seguintes, o que fez com que as autoridades políticas suspendessem as aulas escolares, ao mesmo tempo em que o cinema, o jardim e uma parte do comércio foram fechados.⁵⁰

No início de dezembro, após o período agudo da epidemia, o número de pessoas internadas na Santa Casa declinou de 48 para 21. Já o número de contaminados pela “pertinaz pandemia” teve um substancial recuo, mais precisamente, de “quatrocentos de tantos” para 100.⁵¹ Aos poucos, a cidade foi voltando aos seus “hábitos antigos interrompidos pela espalhafatosa espanhola”.⁵² O jardim público foi reaberto na noite do dia 8 de dezembro, com uma retreta musical no coreto. Na semana seguinte, foi a vez do Cinema Oliveirense, cujo proprietário aproveitou os dias de restrição para promover ali uma “completa reforma”.⁵³ Nos dias finais de 1918, a imprensa de Oliveira noticiou que poucos casos se notavam, com poucos doentes na Santa Casa, sendo já, segundo foi publicado, reestabelecida a “vida normal, notando-se pelas ruas o movimento de costume e o comércio na sua atividade ordinária”.⁵⁴

O retorno do convívio público na sede de Oliveira teve como saldo negativo o desaparecimento das notícias sobre a patinação, em que os quase dois meses de fechamento do jardim público contribuíram para que o rinque adquirisse um aspecto de “abandono, com o asfalto todo partido, quase inutilizado”.⁵⁵ Ao longo de todo o ano de 1919, nenhum registro histórico de atividades esportivas no jardim público foi encontrado.

Foi apenas em maio de 1920 que a patinação voltou a receber o “giro aligeiro dos patins”. No dia 25 de abril, um cronista anônimo fez um apelo para que o rinque reconquistasse o seu “esplendor primitivo”: “A patinação é um dos esportes mais distintos e aristocráticos e dos mais apropriados ao nosso clima, principalmente agora em que os primeiros frios nos chegam. Por que não se reiniciarem os exercícios da patinação?”⁵⁶ Três semanas após essa matéria, a imprensa de Oliveira registrou que “foram vistos, no rinque do jardim público, alguns menores entregando-se ao apreciado esporte”, o que

48 Cf.: Sports. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 abr. 1920, p. 2; Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 20 out. 1918, p. 2.

49 A Gripe Espanhola em Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 out. 1918, p. 2.

50 Cf.: Gripe Espanhola em Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 3 nov. 1918, p. 2; A Gripe Espanhola em Oliveira. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 nov. 1918, p. 2; A Gripe Espanhola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 24 nov. 1918, p. 2.

51 Cf.: A Gripe Espanhola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 dez. 1918, p. 1; A Gripe Espanhola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 dez. 1918, p. 2.

52 Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 dez. 1918, p. 2.

53 Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 8 dez. 1918, p. 2.

54 A Gripe Espanhola. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 dez. 1918, p. 1.

55 Cf.: Notas Mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 13 jul. 1919, p. 2; Sports. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 abr. 1920, p. 2.

56 Sports. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 25 abr. 1920, p. 2.

serviria, segundo foi noticiado, de motivação para “despertar da apatia os nossos patinadores”.⁵⁷ Com o chamado da imprensa e com o novo aparecimento da “mocidade oliveirense” no rinkue, o entusiasmo pelo “apreciado esporte de patinação” foi reacendido no “alarido alegre do jardim da Matriz”. Nos últimos dias de maio, a imprensa registrou o crescente número de pessoas praticando a patinação, assim como o compromisso da Câmara Municipal de promover a reforma do rinkue:

É cada dia maior o número de patinadores, no rinkue do jardim público. Formosas senhoritas, cavalheiros e um sem número de meninos e meninas emprestam um aspecto festivo aquele lindo logradouro público.

Quando aqui sugerimos o renascimento do rinkue dissemos que conseguiríamos fosse o mesmo melhorado, de modo a tornar-se adequado para o lindo esporte. Podemos informar que o Sr. Presidente da Câmara já providenciou no sentido e em breve o rinkue estará novo para tornar-se o ponto predileto do flirt das nossas melindrosas com os nossos preciosos.⁵⁸

Simultaneamente ao ressurgimento da patinação, que já no início de junho passava a reunir no rinkue, “todas as tardes”, “gentis senhoritas e uma petizada saudável”, outra novidade esportiva incorporada nas vivências lúdicas do jardim público foi a peteca. No dia 6 de junho de 1920, um cronista da *Gazeta* publicou uma pequena nota com referências ao novo esporte: “Tem sido muito apreciado o jogo da peteca por gentis senhoritas, que se entregam a esse sadio e útil esporte, tão apreciado na Europa”.⁵⁹ Na imprensa, as três fases que marcaram as experiências esportivas no jardim, como os primeiros deslizes de patinadores e patinadoras por volta de abril de 1917, a paralisação desse esporte nos meses iniciais de 1918 e seu retorno acompanhado da prática da peteca em maio de 1920, tiveram, como ponto de convergência para os elogios do seu sucesso ou críticas e lamento do seu desaparecimento, as novas concepções de uso do corpo que, progressivamente, orientavam práticas e pedagogias. “Beleza”, “alegria”, “elegância”, “saúde” e “força” eram algumas das qualidades que norteavam as percepções dos cronistas em suas coberturas sobre a fruição ou ausência dos aristocráticos e progressistas esportes da patinação e da peteca.

A relativa importância simbólica atribuída aos “exercícios corporais” oferecia um ambiente bastante oportuno para atrair investimentos comerciais neste setor, o que foi feito pelo empresário do ramo de bares e artigos de armarinho, calçados e chapéus, Jorge Simão, que, em abril de 1919, inaugurou uma academia de exercícios na cobertura do Café-Club.⁶⁰ A atuação esportiva do empresário supracitado já era conhecida pelo menos desde meados de 1917, quando foi introduzida, na sede do município, por seu intermédio, a luta romana. Já no mês de outubro deste ano, o *sportman*, tal como era chamado na imprensa, recebeu do *Oliveira Sport Club* uma medalha de ouro como forma de homenagem por ter vencido uma luta no Pavilhão Floriano. Segundo registrou um cronista anônimo:

57 O rinkue. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 16 maio 1920, p. 2.

58 O rinkue. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 30 maio 1920, p. 2.

59 Sports. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 jun. 1920, p. 2.

60 Café Club. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 abr. 1919, p. 3.

O Oliveira Sport Club, composto de moços muito distintos e das nossas principais famílias, acaba de oferecer ao valente Sr. Jorge Simão uma medalha de ouro como preito de admiração por sua brilhante vitória na luta romana no Pavilhão Floriano, em 27 de agosto findo.

Em uma das faces da linda medalha lê-se: – Ao amador Jorge Simão – homenagem do povo de Oliveira; na outra face: – Oliveira, XVII – VIII – MCMXVII.⁶¹

No ano seguinte, Jorge Simão e “diversos moços da nossa cidade, amigos dos exercícios físicos que formam homens” levantaram a ideia de fundar um “Centro Físico de Luta Romana”. Contrariando a torcida do cronista da *Gazeta*, que explicitou sua “ansiedade” em ver “de pé” o novo empreendimento esportivo, a iniciativa acabou por “gorar no ovo”.⁶² Os registros sobre a modalidade desapareceram das páginas dos jornais, porém, o envolvimento de Jorge Simão com os *exercícios físicos* não esmoreceu por completo. Em fevereiro de 1919, o “fidalgo *sportman*” inaugurou, “no ângulo do Largo da Matriz com a Rua Direita”, o Café-Clube, apresentado pomposamente na imprensa como um dos cafés mais “chiques” e “smarts” do interior mineiro.⁶³ Cerca de dois meses após o evento inaugural, Jorge Simão instalou, na parte superior do café, uma “sessão de exercícios denominada Clube Rio Branco”.⁶⁴ Tratava-se, mais especificamente, de uma academia voltada para um “seleto grupo de sócios e admiradores” que poderiam se exercitar, diariamente, em dois horários diferentes: das 6 às 10 da manhã e das 6 às 7 da noite: “No melhor ponto da cidade, na esquina da Rua Direita e Largo da Matriz, (sobrado), acha-se montado o Café-Clube com todo capricho, ordem e asseio, tendo também uma sessão completa de exercícios físicos, como sejam: argolas, barra fixa, paralelas, alteres etc.”⁶⁵

O novo leque de espaços e modalidades esportivas que ganhava diferentes formas de organização relacionava-se, intimamente, com a classe dominante de Oliveira. Com a solidificação da ciência higienista, que via nos exercícios ginásticos e nos esportes atléticos uma fonte inexorável de saúde, vitalidade, energia e beleza física, grupos das elites atuaram como uma espécie de porta-vozes da nova escala de valores e sensibilidades, fazendo dos *sports* um modismo elegante e salutar. O futebol, o basquete, o tênis, a patinação, a peteca, os *raids* pedestres, os desportos militares, a luta romana e a academia de exercícios físicos corporificavam os desejos das elites oliveirenses de integrarem a “ordem do dia”, que foi traduzida por um cronista anônimo na forma de uma “necessidade inadiável de abraçar as indicações dos higienistas”.⁶⁶ Atribuindo aos clubes, aos espaços e às modalidades esportivas uma lógica distintiva, esses “refinados *sportmen*” e “gentis *sportwomen*” representavam a si mesmos, tal como foi observado por Joyce Corrêa e Cleber Dias (2020) em pesquisa recente sobre a história dos esportes no Acre, “simples instrumentos a serviço da luta pelo progresso”, copiando e

61 HONRA AO VALOR. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 21 out. 1917, p. 1.

62 DESPORTOS. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 jun. 1918, p. 1.

63 Sobre o Café-Clube, ver discussão na página ...

64 Café-Clube. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 fev. 1919, p. 3.

65 Café-Clube. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 6 fev. 1919, p. 3.

66 Educação física das mulheres. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 29 abr. 1917 p. 2.

difundindo práticas que juntavam a racionalidade da ciência com um *modus vivend* europeizado.

O perfil atraente do novo repertório esportivo teve, na imprensa, um parceiro importante para demarcar o caráter elitista dos esportes, criando, simultaneamente, uma imagem de agentes da civilização em cima daqueles que incentivavam, praticavam ou mesmo assistiam os exercícios e desportos atléticos. Este processo fazia parte de uma rede mais ampla de ambições das elites letradas, por diversões “úteis” e mais modernas, o que incluía, entre outras coisas, cafés, charutarias, bilhares, teatros, cinema, clubes recreativos, biblioteca, jardim público e coreto. No caso dos esportes, porém, a retórica da distinção e do incremento civilizacional assumiu contornos verdadeiramente especiais, sendo representados na imprensa os praticantes e assistentes, clubes e espaços esportivos como símbolos da sofisticação dos comportamentos e da higienização e modelagem dos corpos.

De maneira antagônica a esses clubes e espaços frequentados por pessoas de “boa família”, os esportes, ao se estabelecerem rapidamente no cotidiano da cidade, deixaram de ser exclusivos das camadas mais abastadas e foram apropriados pelos segmentos populares, que improvisavam sua prática nas ruas e largos da cidade (AMARAL; COUTO, 2017). Na imprensa, cronistas iniciaram uma forte ofensiva contra os praticantes de rua, na tentativa de manter as novas modalidades com uma feição elegante, higiênica e moderna.

O primeiro esporte que ganhou as ruas e praças foi o futebol. Em julho de 1916, um cronista anônimo da *Gazeta de Minas* tecia as primeiras críticas contra a proliferação da prática do jogo pelas vias públicas:

FOOTBALLANDO

A criançada também quer *foot-ballar*. Faz muito bem, mas deve escolher local apropriado e não as ruas e praças, sujeitando os transeuntes a levarem uma bola pelos narizes.

É preciso acabar-se com esta mania das crianças brincarem nas ruas.⁶⁷

Esse processo de disseminação do *foot ball* pelas ruas e praças de Oliveira passou a ser ressignificado pelos cronistas como um costume que deveria “ser banido”.⁶⁸ Assim, por não se encaixar na visão idealizada do esporte preconizada pelos grupos hegemônicos, a imprensa iniciou uma forte campanha contra os supostos “abusos”⁶⁹ do jogo nos espaços públicos, sinalizando que tais práticas deveriam ser ajustadas ao padrão fidalgo e distintivo imposto pelas classes dominantes.

Como consequência imediata dessas transformações, a prática do *foot-ball* passou a contar, nos primeiros anos da década de 1920, com um controle mais efetivo por parte do chefe de polícia de Oliveira, o Dr. Jayme Pinheiro. Municiado das mais diversas reclamações sobre o jogo praticado nas vias públicas, colocou em curso uma operação para apreensão das bolas, que foi efetuada em março de 1923 pelo destacamento policial, dando mostras de como o jogo de bola apresentava novos contornos:

67 Footballando. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 2 jul. 1916, p. 1.

68 *Gazeta de Minas*, Oliveira, 17 set. 1916, p. 1. (Nota sem título).

69 Abusos, sempre abusos. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 27 ago. 1917, p. 1.

O jogo de foot-ball nas ruas e praças, que tantos inconvenientes apresentava, tende felizmente a desaparecer, graças as providencias tomadas pelo digno delegado de policia dr. Jayme Pinheiro de Almeida, que mandou que fossem aprendidas as bolas encontradas na via pública.

Víamos constantemente lâmpadas e vidraças quebradas, outras vezes eram transeuntes que levavam a roupa marca pela lama existente na bola, o que absolutamente não podia continuar.

Não regateamos, pois, os nossos aplausos ao sr. Delegado de policia que assim põe termo a uma intolerável pratica, muito em desacordo com a nossa civilização.⁷⁰

Mesmo com a repressão determinada pelo delegado de policia e aguçada pela mídia, o futebol continuou angariando adeptos pelas ruas e praças de Oliveira, passando a ter a companhia da peteca, que também se tornava uma febre na cidade. Em junho de 1923, um cronista anônimo chegou a dizer que Oliveira passava por “uma fase de verdadeira mania com a peteca”. Segundo foi registrado:

Nós costumamos passar por fases de verdadeiras manias.

É o que está acontecendo agora com o jogo da peteca.

A época é da peteca. Joga-se peteca em todos os cantos da cidade, nas ruas, dentro das casas, nos colégios e no *rink* do jardim; de manhã, durante o dia e a noite. É o paliativo destes friorentos dias de junho, de tristes céus nevoentos e de marasmo mundano.⁷¹

Todo este movimento de popularização das práticas corporais que, após a dissolução do turfe e da caça, tomaram clubes, estabelecimentos de comércio, espaços distintivos e vias públicas, teve três movimentos de fomento principais: a atualização dos hábitos em conformidade com os ideais de modernidade; a penetrabilidade do discurso higienista; e a influência de agentes que adquiriram experiências esportivas em centros educacionais fora de suas fronteiras. Alimentado por um processo de crescimento econômico dos setores rurais e dinamização da vida urbana, os esportes ginásticos apareciam, a partir das propagandas veiculadas na imprensa, como uma porta aberta para a constituição de um novo homem, alinhado com a racionalidade das teorias higiênicas. Desconsiderando a prática esportiva dos grupos populares, como foi o caso das críticas, denúncias e até mesmo o envolvimento de agentes repressivos contra os “*footballers ambulantes*”, os círculos elegantes tentavam manter para si o monopólio dos novos esportes, cujo controle garantia para os adeptos da “boa educação física” o *status* de superioridade e distinção social.

Referências

ADÃO, Cleber do Sacramento; SILVA, Diego Wandley Araújo; CAMPOS, Áurea Ester Dornelas. O esporte na cidade mineira de origem colonial: uma leitura a partir do jornal *A Tribuna* (1907-1925). *Tempos Gerais*, v. 3, n. 2. São João del-Rei, jul./dez., p. 87-104, 2014.

⁷⁰ *Gazeta de Minas*, Oliveira, 11 mar. 1923, p. 1. (Nota sem título).

⁷¹ Notas mundanas. *Gazeta de Minas*, Oliveira, 10 jun. 1923, p. 2.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. História do futebol em Divinópolis – MG: cavalheirismo e integração regional (1916-1930). *Revista Fúlia*, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 90-111, maio/ago. 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de FREITAS. “Um festim obscuro”: pertencimento clubístico e expansão socioespacial do *football* em Oliveira, MG (1920-1930). *Fênix*, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Lazer e mercado do entretenimento em uma cidade rural de Minas Gerais. *Revista Locus*, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 62-85, 2019.

COUTO, Euclides de Freitas; SILVA, Sabrina Alves da. Circularidade cultural e modernização dos hábitos: o modelo clubístico do *Athletic Club* (1909-1925). *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 123-136, jul./dez. 2014.

DIAS, Cleber *et al.* Esportes nos sertões das Gerais. In: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina (Org.). *Histórias do lazer nas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2019.

FRANZINI, Fábio. “Esporte, cidade e modernidade: São Paulo”. In: MELO, Victor Andrade de. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

GONZALES, Selma Lúcia de Moura. *A territorialidade militar terrestre no Brasil: os tiros de guerra e a estratégia da presença*. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da Cunha. Práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915). *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 3, p. 51-65, set./dez. 2011.

JÚNIOR, Edivaldo Gois. O esporte a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 95-117, out/dez de 2013.

KANITZ, Roberto Camargo Malcher. *Villa Nova Athletic Club: histórias do futebol operário e Minas Gerais (1908-1952)*. Tese (Doutorado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *A constituição e o enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. 2006. 338f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SILVA, Bruno Adriano Rodrigues. Uma cultura escolar de esporte no Instituto Evangélico, Lavras, Minas Gerais (1893-1919). *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 17, n. 2, p. 56-82, abr./jun. 2017.

SILVA, Igor Maciel da. *Elas se divertem (Barbacena – MG, 1914 a 1931)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Igor Maciel da; LIMA, Cássia Danielle Monteiro Dias. A bola rolando no triângulo: apontamentos sobre a história regional do futebol no Triângulo mineiro e seus diálogos com São Paulo no início do século XX. *Vozes, Pretérito & Devir*, v. 5, n. 1, p. 149-162, 2016.

SILVA, Luciano Pereira da. O futebol e o início da diversão esportivizada em Montes Claros, MG. In: *Licere*, Belo Horizonte, v.16, n.1, p. 1-30, mar. 2013.

SILVA, Thiago Felipe da. O futebol em uma cidade do interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTILI, José Alfredo de O.; SILVA, Thiago Felipe da (Org.). *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 203-220.

Recebido em 28 de abril de 2021
Aprovado em 27 de janeiro de 2022